



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

SIDILEIA IDIOLORRINÃ LIMA KARAJÁ

**FESTA DA TARTARUGA DO POVO KARAJÁ XAMBIOÁ: UMA
ANÁLISE DAS PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS**

Tocantinópolis-TO
2022

SIDILEIA IDIOLORRINÃ LIMA KARAJÁ

**FESTA DA TARTARUGA DO POVO KARAJÁ XAMBIOÁ: UMA
ANÁLISE DAS PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS**

Artigo avaliado e apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação, humanidades e Saúde (CEHS), Câmpus de Tocantinópolis Curso de Licenciatura em Educação Física, para obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato de Pádua Cândia.

Tocantinópolis-TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

- K18f Karaja, Sideleia Idiolorina Lima Karaja.
Festa da Tartaruga do povo karaja Xambιά: Uma análise das
praticas corporais . / Sideleia Idiolorina Lima Karaja Karaja. –
Tocantinopolis, TO, 2023.
33 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Tocantinopolis - Curso de Educação Física,
2023.
Orientador: Dr. prof. Raimundo Nonato de Pádua
1. Educação Física. 2. Karaja Xambioa. 3. Festa da Tartaruga. 4.
Pratica. I. Título

CDD 796

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SIDILEIA IDIOLORRINÃ LIMA KARAJÁ

**FESTA DA TARTARUGA DO POVO KARAJÁ XAMBIOÁ: UMA
ANÁLISE DAS PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS**

Artigo avaliado e apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS), Câmpus de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física, para obtenção do título de Licenciada em Educação Física, e aprovado em sua forma final pelo orientador e pela banca examinadora.

Data de aprovação: /11/2022

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Prof. Raimundo Nonato de Pádua Câncio (Orientador)
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

sskdmskksk

Prof.^a Dr.^a Kênia Gonçalves Costa (Examinadora)
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Prof. Dr. Adriano Filipe Barreto Grangeiro (Examinador)
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Tocantinópolis-TO
2022

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da existência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de de pequenas costelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. (Ailton Krenak)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, a todas e todos que participaram desta longa jornada, até a minha formação.

Agradeço principalmente ao meu pais por todo Amor e carinho. Agradeço pelas entrevistas concedidas, por todo apoio e incentivo.

De modo especial, agradeço ao meu povo, à comunidade Karajá-Xambioá onde se realizou este estudo. (reconhecimento)

Quero ainda agradecer ao meu orientador, Prof. Raimundo Nonato de Pádua Cândia, que me acompanhou e orientou em cada passo para a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço aos meus colegas, pois vocês tornaram essa longa caminhada mais fácil e menos complicada. Tenho muito a agradecer a cada um de vocês!

Muito obrigada!

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MATERIAIS E MÉTODOS	11
2.1 tipos de pesquisa	11
2.2 Local da pesquisa	11
2.3 população e amostra	11
2.4 Instrumentos/Técnicas de coletas dos dados	11
2.5 Procedimentos de coletas de dados e considerações éticas.....	12
3 EDUCAÇÃO FÍSICA, PRÁTICAS CORPORAIS NÃO VALORIZADAS NO CONTEXTO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇAS INDÍGENAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	12
4 SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS CORPORAIS NA FESTA DA TARTARUGA.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	32

FESTA DA TARTARUGA DO POVO KARAJÁ-XAMBIOÁ: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS

TURTLE PARTY OF THE KARAJÁ-XAMBIOÁ PEOPLE: AN ANALYSIS OF INDIGENOUS BODY PRACTICES

Sidileia Idiolorrinã Lima Karajá¹ Raimundo Nonato de Pádua Câncio²

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo analisar os sentidos e significados das práticas corporais do povo Karajá-Xambioá apresentadas nas Festas da Tartaruga: jogos e danças, uma das expressões mais tradicionais do nosso povo, que ocorre em Xambioá – TO. Para tanto, realizamos um levantamento histórico e de dados sobre a essa festa realizada pelo povo Karajá-Xambioá; verificamos os sentidos e os significados das práticas corporais na Festa da Tartaruga e suas possíveis contribuições para o campo das práticas esportivas de jogos tradicionais: arco e flecha. Trata-se de uma pesquisa exploratória com base em levantamento bibliográfico e entrevistas com indígenas Karajá-Xambioá. Os dados indicam que as práticas corporais na Festa da Tartaruga têm a importância e o valor de resguardar e proteger não somente o resgate à questão ambiental e cultural, mas também a cultura corporal do movimento ancestral Karajá-Xambioá. E estes pontos estão interconectados com o universo de valores e significados atribuídos as diferentes manifestações corporais como esportes, ginásticas e brincadeiras.

Palavras-chave: Educação Física. Karajá-Xambioá. Festa da Tartaruga. Práticas corporais.

ABSTRACT: This study aims to analyze the senses and meanings of the body practices of the Karajá-Xambioá people presented in the Festas da Tartaruga: games and dances, one of the most traditional expressions of our people, which takes place in Xambioá - TO. For that, we carried out a historical and data survey about this party held by the Karajá-Xambioá people; we verified the senses and meanings of bodily practices in the Festa da Tartaruga and their possible contributions to the field of sports practices of traditional games: archery. This is an exploratory research based on a bibliographic survey and interviews with Karajá-Xambioá indigenous people. The data indicate that the bodily practices at the Festa da Tartaruga have the importance and value of safeguarding and protecting not only the rescue of the environmental and cultural issue, but also the corporal culture of the Karajá-Xambioá ancestral movement. And these points are interconnected with the universe of values and meanings attributed to different bodily manifestations such as sports, gymnastics and games.

Keywords: Physical Education. Karajá-Xambioá. Turtle Party. Body practices.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Câmpus de Tocantinópolis. E-mail: sidileiakaraja@gmail.com

² Docente da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e do Programa de Pós-graduação em Formação Docente em Práticas Educativas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: nonato.cancio@uft.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Ao serem estudadas de modo interdisciplinar na contemporaneidade, e apresentarem distintas perspectivas de análise, as práticas corporais indígenas passam a adquirir lugar de destaque nos estudos científicos. Como fruto de um conjunto de significados, essas práticas corporais são vistas como uma construção cultural e podem ser entendidas “[...] como elementos da cultura corporal de cada etnia indígena, portanto assumem sentidos e significados de acordo com o contexto social no qual são vivenciadas” (ALMEIDA; ALMEIDA; GRANDO, 2010, p. 22).

No entanto, como bem destacado na epígrafe pelo intelectual indígena Ailton Krenak, quando se refere ao viver em sociedade e ao próprio sentido da vida, em nosso tempo ainda vivenciamos ausências, e isso gera muita intolerância com aqueles que, como os povos indígenas, ainda são capazes de experimentar o prazer de estarem vivos, de dançar e de cantar. Na linha que segue este trabalho, quando rompemos a lógica das ausências da temática e das práticas culturais indígenas nos trabalhos científicos, logo fazemos dialogar conhecimentos, culturas, práticas e lugares de produção do saber que se tornaram ocultos.

Nessa direção, aborda-se as práticas corporais indígenas, é importante compreendermos que cada povo possui organização social própria, práticas corporais e cultura particulares, e que o seu funcionamento é regido por determinada lógica que adquire sentido dentro do seu próprio sistema cultural. Nos rituais de alguns povos, por exemplo, as danças são utilizadas como um instrumento de educação do corpo, em que “os jovens ao fabricarem seus corpos também constituem uma identidade específica”. As práticas corporais, portanto, “ [...] estão relacionadas à cosmologia que orienta o modus vivendi e a visão de mundo das sociedades indígenas”. (ALMEIDA; ALMEIDA; GRANDO, 2010, p. 64).

As práticas corporais aqui estudadas são as do próprio Karajá-Xambioá em nossa tradicional Festa da Tartaruga. Tradicionalmente, vivemos à margem direita do rio Araguaia, no município de Santa Fé do Araguaia, em uma área de 3.326.3502 hectares. Atualmente, forma-se um quantitativo populacional de trezentos e oitenta pessoas, distribuídas em diversas aldeias. Somos classificados por Rodrigues (1986) como pertencente ao Tronco Linguístico Macro-Jê e à Família Linguística Karajá, falante do iny rybè (fala do povo Iny).

A Festa da Tartaruga é realizada na Aldeia Karajá Xambioá do Norte do Tocantins. Essa festa tradicional indígena normalmente acontece no mês de agosto e se caracteriza como um momento singular de confraternização em que todos os indígenas se reúnem, desde o mais novos até o mais velhos, que vão desde 3 a 80 anos de idade. Foi a necessidade de preservação dos quelônios amazônicos que deu nome à essa festa, uma vez que nosso povo, sensível à drástica diminuição das espécies, reuniu as comunidades e impulsionou ações que, em parceria com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a fim de chamar a atenção para essa problemática que também afeta nossa segurança alimentar, pois interfere na disponibilidade e no acesso permanente aos alimentos.

A partir desses primeiros delineamentos apresentados neste estudo, definimos o seguinte problema: quais os sentidos e os significados das práticas corporais do Karajá-Xambioá apresentadas na Festa da Tartaruga? Esta questão motiva a busca de repostas para as seguintes questões adjacentes: quais são as principais características das práticas corporais na Festa da Tartaruga? quais as contribuições que essas práticas corporais do Karajá-Xambioá podem trazer para o campo da Educação Física?

O presente estudo tem como objetivo geral analisar os sentidos e significados das práticas corporais do povo Karajá-Xambioá apresentadas na Festa da Tartaruga que é realizada no mês de Julho. A pesquisa foi realizada no mês de setembro de 2021. Para tanto, como objetivos específicos, alguns passos foram seguidos: realizar um levantamento histórico e de dados sobre a Festa da Tartaruga do povo Karajá-Xambioá; verificar os sentidos e os significados das práticas corporais na Festa da Tartaruga e suas possíveis contribuições para o campo da Educação Física regional.

De modo que neste estudo fosse assegurada uma abordagem e uma metodologia mais respeitosa, ética e útil ao nosso povo, optou-se pela abordagem qualitativa e pela pesquisa exploratória. Cabe ainda destacar que este caminho metodológico também contempla o que denominamos aqui de metodologia Karajá, pois a escrita do texto também inclui traços da oralidade que buscam retratar os costumes e a tradição Karajá, como bem evidenciou o pesquisador Claudino Kaingang (2013) ao abordar a metodologia Kaingang.

O texto está dividido em duas seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção, apresentamos algumas inquietações sobre a Educação Física, práticas corporais e as danças indígenas, observando possíveis inter-relações entre dois campos do conhecimento. Na segunda seção, é dado destaque a alguns aspectos

culturais dos Karajá-Xambioá e discutimos os sentidos e os significados das práticas corporais na Festa da Tartaruga.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 TIPOS DE PESQUISA

A abordagem qualitativa se caracteriza neste estudo pela atenção dada ao contexto, às vivências e experiências dos atores sociais, à ênfase dada aos aspectos subjetivos dos fenômenos sociais e do comportamento humano. Triviños (1987, p. 116) alerta que, compreender a abordagem qualitativa é, antes de tudo, reconhecer uma postura teórica para desvelar o fenômeno investigado, pois a neutralidade teórica para escrever sobre o objeto pode significar “uma dimensão positivista da explicação”.

Trata-se de uma pesquisa exploratória com base em levantamento bibliográfico sobre a questão estudada e em entrevistas com os participantes sobre a realização da Festa da Tartaruga entre nosso povo. São também utilizadas algumas imagens para facilitar uma melhor compreensão dos conhecimentos específicos relacionados a cultura do Xambioá seu sentido e significados. Uma realização importante na prática exploratória é trazer a noção de “entendimento” para o trabalho investigativo, ao invés de trabalhar com a noção de pesquisa para “solução de problemas”. Segundo Gil (2002, p. 41), “[...] estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descobertas de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”.

2.2 LOCAL DA PESQUISA

O estudo foi realizado na Aldeia dos Karajá-Xambioá no estado do Tocantins.

2.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população de amostra foram os indígenas da aldeia dos Karajás-Xambioá

2.4 INSTRUMENTOS/TÉCNICAS DE COLETAS DOS DADOS

Para compreender a cultura indígena do Karajá-Xambioá, foi coletado as informações para a elaboração deste por meio de entrevista com as lideranças da aldeia, realizado em Setembro de 2021.

2.5 PROCEDIMENTOS DE COLETAS DE DADOS E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Do ponto de vista metodológico, seguimos neste estudo a perspectiva teórico-metodológica da intelectual indígena maori da Nova Zelândia, Linda Tuhiwai Smith, a partir das reflexões elaboradas na obra “Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas”, na qual ela busca desconstruir alguns aspectos do conhecimento e da ciência ocidental que muito se favoreceram com a colonização dos povos indígenas, indicando outras possibilidades de realizar pesquisa com aos povos indígenas. Assim, no mesmo caminho que a autora, “[...] De objetos de pesquisa, passamos a ser pesquisadores”, pois também “queremos contar a nossa própria história, escrever as nossas próprias versões, a nossa maneira, para os nossos próprios fins” (SMITH, 2018, p. 42).

Para Chaves (2011), quem trabalha “para entender” não acredita que a vida é feita de problemas a serem resolvidos separadamente, mas entende que o mundo é composto de interessantes e contínuos questionamentos. Uma questão muito importante na prática exploratória é que as pessoas envolvidas na pesquisa tenham consciência de seus papéis e autonomia, para que possam ser agentes ao invés de objetos observáveis. E este aspecto é que difere a prática exploratória da etnografia.

3 EDUCAÇÃO FÍSICA, PRÁTICAS CORPORAIS NÃO VALORIZADAS NO CONTEXTO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇAS INDÍGENAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O termo “práticas corporais”, como conceito para o campo da Educação Física, tem sido muito utilizado com “[...] a intenção de marcar um posicionamento científico-político que se distancie – e por vezes incorpore – as noções de cunho biologicista da atividade física e/ou do exercício físico” (MANSKE, 2022, p. 02). Nossa intenção aqui não é afirmar uma ou outra definição, mas observar que há diferentes usos, a partir dos quais optamos pelo que mais se aproxima e dialoga com o nosso objeto de estudo, cujo as discussões possam dar suporte aos significados que operam na inter-relação entre os conhecimentos aqui abordados.

Nessa direção, nos aproximamos do termo no contexto das produções de cunho mais culturalistas, definidas como as que estão carregadas de manifestações e identidades culturais diversas, que variam em valores e sentidos para os sujeitos que as praticam e produzem (CARVALHO, 2006), ainda que o uso do termo práticas corporais tenha um registro inicial nos estudos e interpretações do espaço escolar (MANSKE, 2022). Trata-se de um olhar pós-estruturalista, pelo qual é possível estabelecer aproximações com as práticas corporais dos povos indígenas, onde passa a assumir sentidos e significados de acordo com o contexto social no qual são vivenciadas. Fica claro, portanto, que nas sociedades indígenas brasileiras o corpo humano “[...] é construído socialmente para se tornar coletivo. A corporalidade é uma dimensão fundamental para o processo de ensino de conhecimentos, habilidades e técnicas da pessoa indígena”. (ALMEIDA; ALMEIDA; GRANDO, 2010, p. 64).

Para que se entenda os nossos corpos indígenas, mesmos aqueles que aparecem nas diferentes representações ideológicas não indígenas, Sousa (1995) propõe que se desenvolva novos elementos conceituais nas pesquisas com os povos indígenas. De modo geral, a corporeidade dos povos indígenas é compreendida como heterogênea e tem a ver com a nossa própria condição de existência, com a nossa própria afirmação e com a dos nossos parentes. Assim, a corporeidade pode ser compreendida numa dimensão sensível do mundo vivido, “[...] e no pensamento ameríndio vai além da inserção dos sujeitos em mundo social” (PEREIRA, 2021, p. 333). Para Viveiros de Castro (1996), entre nós indígenas, “[...] o conjunto de hábitos e processo que constituem os corpos é o lugar de emergência e da diferença”. Assim,

O corpo humano pode ser visto como lugar de confrontação entre humanidade e animalidade [...] Ele é o instrumento fundamental de expressão do sujeito e ao mesmo tempo o objeto por excelência, aquilo que se dá a ver a outrem. (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 130-131)

Em uma abordagem que evidencia a complexidade e a riqueza dos povos indígenas da América Latina, em seu trabalho que discute o significado do perspectivismo ameríndio, ou seja, as ideias, presentes nas cosmologias amazônicas, a respeito do modo como humanos, animais e espíritos veem a si mesmos e aos outros seres do mundo, o autor destaca algumas dicotomias que se impuseram sob alguns rótulos, como universal e particular, objetivo e subjetivo, corpo e espírito, animalidade e humanidade, dentre outros. Quando aborda o perspectivismo ameríndio ele se refere à

“[...] concepção indígena segundo a qual o mundo é povoado de outros sujeitos, agentes ou pessoas, além dos seres humanos, e que vêem a realidade diferentemente dos seres humanos” (CASTRO, 1996, p. 32).

Essa percepção do autor a partir do conceito de perspectivismo ameríndio, ajuda a caracterizar o jeito indígena de conceber a realidade pelas nossas práticas corporais, pela nossa compreensão do real, que se distancia do pensamento cartesiano e positivista de tradição ocidental. Para nós, indígenas, o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas, que o percebem segundo diferentes pontos de vista. A partir dessa percepção, cremos que é possível começar a entender o corpo indígena em seus modos de existência e vivências culturais diversas. Acerca dessas possibilidades, Krenak (2020, p. 57) chama atenção para os condicionamentos de nossas ideias ao dizer que talvez estejamos muito “[...] condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num bismo”. Como afirmam Neira e Nunes (2020).

O pensamento ocidental reduziu o que se conhece ao igual, ao mesmo. A cultura ocidental organizou e conduziu formas de pensar, privilegiando categorias, espécies, gêneros, buscando a semelhança na diferença para classificar e, assim, conhecer para governar (saber/poder) as coisas do mundo, estabelecendo identidades. (NEIRA; NUNES, 2020, p. 28).

Nessa perspectiva, ao considerarem as danças indígenas como conteúdo específico nas aulas de Educação Física, Guimarães e Impolcetto (2021, p. 36) destacam que há certa desvalorização deste campo de atuação que têm “o corpo e o movimento como protagonistas em sua ação”, ou seja, o corpo foi percebido e condicionado à determinadas ideias que contribuíram para a invisibilização dos corpos indígenas. Para as autoras, além de haver historicamente essa lacuna, o desafio do ensino das danças indígenas é cada vez mais ampliado “diante da atual situação em que os povos indígenas vivem ao resistirem pela sobrevivência de sua cultura em sua origem e espaço, o que são de direito” (GUIMARÃES; IMPOLCETTO, 2021, p. 36).

Por falar em sobrevivência, não faz muito tempo que nossos corpos foram confrontados pelo projeto autoritário da Ditadura Militar, regime instaurado em 1º de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985.

Com o argumento da modernização³ os militares se sentiam autorizados a expandir as fronteiras internas do país para ampliação dos negócios. Rodovias foram construídas para o escoamento de matérias-primas, o que significou perseguição, criminalização, prisão e morte em massa de nosso povo, além da tortura de lideranças indígenas que lutavam em defesa de nossos territórios. Os militares aproveitaram a crise que os indigenistas viviam para suprimir o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), sob o discurso da anticorrupção, “[...] segundo a qual o resgate de populações indígenas das mãos de servidores ávidos e amorais, foi fundamental para a criação, em 1967, da Funai” (GOMES; BENITEZ TRINIDAD, 2022, p. 14).

Sobre os povos indígenas e a Ditadura Militar brasileira Souza (2018, p. 360) comenta que as violações “[...] de Direitos no período ditatorial são inúmeras e não podem ser esquecidas ou apagadas e, portanto, precisam ser revistas”. E destaca que “[...] Ocupar terras requer ocupar corpos e então temos as mulheres como principais vítimas”. O histórico silenciamento dessas violações também contribuíram para a afirmação da invisibilização dos corpos e das práticas corporais indígenas, inclusive sendo ignorados como conteúdo específico nas aulas de Educação Física, sendo marginalizados no currículo escolar. Sobre essa questão, Santos e Schneider (2021) destacam:

O currículo cultural, fundamentado nas teorias pós-críticas do ensino - teorias que enfatizam as relações de poder; questões de identidade, diferença, subjetividade, subjetivação, conhecimentos, verdades, discursos e maneiras outras de entender o social - encontra inspiração nos princípios da descolonização do currículo, da justiça curricular, da articulação com o projeto político pedagógico, do reconhecimento do patrimônio corporal da comunidade, de evitar incorrer no daltonismo cultural e na ancoragem social dos conhecimentos. (SANTOS; SCHNEIDER, 2021, p. 2).

Sobre o currículo cultural da Educação Física, “[...] organiza-se a partir das nomeadas teorias pós-críticas do currículo. Expressão que, embora presente na literatura estrangeira, nestas terras, é atribuída a Tomaz Tadeu Silva (1999)” (NEIRA; NUNES, 2020, p. 27). A ideia é oferecer aos estudantes diferentes formas de vivências, discursos, fontes variadas de estudos e temas, favorecendo a heterogeneidade. E acreditamos que, dentre outros, a dança indígena seja um importante instrumento de

³ Manuela Carneiro da Cunha, ao explicar essa dinâmica duradoura no Brasil, observa que durante o século XIX, os indígenas foram expostos como símbolos de um Brasil ávido por liberdade. Mas ao mesmo tempo era um país que percebia os povos indígenas como ferozes obstáculos ao progresso da nação, o que se dava a partir de uma relação simbólica destes com uma natureza selvagem e perigosa. ” (CUNHA, 1994).

socialização de conhecimentos transeculares e de afirmação de pertencimento social e cultural indígena.

Mas, cabe lembrar que, no contexto brasileiro, a Educação Física era utilizada pelos médicos como um componente curricular com fins de modificar os hábitos de higiene e saúde da população, uma vez que “[...] favoreceria a educação do corpo, tendo como meta a constituição de um físico saudável e equilibrado organicamente, menos suscetível às doenças” (BRASIL, 1997). Dito isto, podemos dizer que a Educação Física, como disciplina, era higienista e atendia aos interesses militares, sob o argumento nacionalista, uma vez que o governo militar investiu nessa disciplina a fim de preparar jovens fortes e saudáveis para o exército.

No âmbito escolar, ela passa a receber atenção por meio do Decreto N.º 69.450, de 1971, como afirma Martins e Silva (2012, p. 5) tornando-se um eixo fundamental do ensino. Nesse período, busca-se também novos talentos com o intuito de representar o país em competições internacionais. (BRASIL, 1998). A esse respeito, Oliveira et al (2017) observa que:

Em meados do século XIX abordar a saúde nas aulas Educação Física, tinha como um dos principais objetivos o cultivo de corpos belos, fortes, ativos e higiênicos, pelo uso dos horários escolares para o aprimoramento físico, através da Ginástica. (OLIVEIRA et al, 2017).

Podemos dizer que a revolução na Educação Física no Brasil vai ocorrer na década de 1980, após o Brasil não ter se tornado uma nação olímpica e de não ter também aumentado o número de praticantes de atividades físicas. As novas mudanças foram aparecendo com o surgimento de entidades estudantis, sindicais e partidárias, e com o apoio de setores do meio universitário, que se identificavam com as tendências progressistas, como destacado nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN de Educação Física de 1998:

Simultaneamente, a criação dos primeiros cursos de pós-graduação em Educação Física, o retorno de professores doutorados que estavam fora do Brasil, as publicações de um número maior de livros e revistas, bem como o aumento do número de congressos e outros eventos dessa natureza foram fatores que contribuíram para esse debate. (BRASIL, 1998, p. 22).

Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define a Educação Física como “[...] componente curricular que tematiza as práticas corporais [...] entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos produzidas por diversos

grupos sociais no decorrer da história”. (BRASIL, 2018, p. 42). Com uma compreensão um pouco mais avançada, o documento compreende que

[...] a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente na Educação Básica. (BRASIL, 2018, p. 36).

Considerando a proposta da BNCC (BRASIL, 2017, p. 42), nas aulas de Educação Física, “[...] as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório”. Uma das práticas corporais presentes na cultura Karajá-Xambioá são as danças, uma forma de expressão artística cultural dos indígenas que têm profunda relação com as suas vivências do presente e “[...] resgate do passado, desvelando seus valores e crenças para produzirem, transferirem e transformarem sua cultura” (GUIMARÃES; IMPOLCETTO, 2021, p. 15).

No entanto, Guimarães e Impolcetto (2021) chamam atenção para o fato de que as danças indígenas ainda não são valorizadas no contexto da disciplina de Educação Física. Segundo os autores:

Ao considerar as danças conteúdo nas aulas de Educação Física, em específico, as danças indígenas, nota-se uma desvalorização deste campo de atuação que têm, sobretudo, o corpo e o movimento como protagonistas em sua ação. Além desta lacuna, o desafio do ensino das danças indígenas se amplia diante da atual situação em que os povos indígenas vivem ao resistirem pela sobrevivência de sua cultura, em sua origem e espaço, o que são de direito. (GUIMARÃES; IMPOLCETTO, 2021, p. 16).

Portanto, a vivência das práticas corporais como as danças é uma forma de o estudante ter acesso a uma dimensão de conhecimentos às quais não seria possível de outra forma. Dessa forma, privilegiar as danças indígenas nas escolas e suas comunidades contribui para gerar um conhecimento particular e insubstituível para esses povos, além de problematizar, desnaturalizar e evidenciar os sentidos e significados que cada povo indígena confere às suas danças.

Entendidas como práticas corporais, as danças indígenas estão presentes em todas as regiões brasileiras e constituem expressões culturais genuínas dos diferentes povos indígenas deste país. A título de exemplo, e com base no trabalho de Guimarães

e Impolcetto (2021), entre as muitas danças indígenas brasileiras destacamos no Nordeste a “Dança do Toré”, praticada pelos povos Potiguara, Kiriri, Tupinambá, entre outros, da qual participam homens, mulheres e crianças, celebrando a vida. Ela é realizada em roda. Os participantes acompanham o ritmo dos cantos com batidas dos pés no chão. São utilizados alguns instrumentos, como maracá, tambor, entre outros. Compõe as vestimentas saias, cocares, colares, brincos, pinturas corporais de jenipapo e urucum.

No Centro-oeste, destacamos a “Dança da Ema”, praticada pelo povo Terena. É uma dança dança guerreira, também conhecida como dança do bate pau. Participam apenas homens, adultos ou crianças. Ela é realizada em duplas e fila e cada dançarino carrega uma taquara para fazer diferentes batidas rítmicas durante a dança. São utilizados alguns instrumentos, como flauta e tambor. Compõe a vestimenta dos participantes saias com penas da ema, com fibras de buriti, palhas de bananeira ou palmeira; e há pintura corporal (GUIMARÃES; IMPOLCETTO, 2021, p. 12).

Na região Sudeste/Sul, destacamos a “Dança do Xondaro” de pertencimento social e cultural praticada pelo povo Guarani. Participam apenas homens, adultos ou crianças, mas algumas regiões há a presença de mulheres. Ela é realizada em círculos no sentido anti-horário. O condutor orienta diferentes movimentos, que pode podem ser saltos, giros, esquivas e outros. Alguns instrumentos, como maracá, tambor, borduna, rabeca e violão são utilizados. A própria roupa do cotidiano compõe a vestimenta (GUIMARÃES; IMPOLCETTO, 2021, p.12).

A dança também faz parte da tradição e compõe os eventos culturais realizados pelo Karajá-Xambioá. As nossas danças também possuem caráter místico, ritualístico, retratam a história, a origem, as lutas, os rituais de iniciação, os enfrentamentos e o cotidiano do nosso povo, e estão também vinculadas às nossas preocupações, às nossas alegrias, colheitas, festejos e iniciações. Suas apresentações sempre são acompanhadas de cânticos, pois nunca são trabalhadas separadamente. Uma complementa a outra. Há uma representatividade muito significativa, como afirma Guimarães (2019, p. 19), pois “[...] ela absorve o modo de ser e viver de cada povo e sociedade”.

A dança indígena, nas suas devidas comunidades, é uma poderosa linguagem e sempre celebra determinado acontecimento em relação à vida e aos costumes indígenas e se refere a ciclos da natureza como forma de agradecer a colheita, para marcar a passagem da jovem a vida adulta, homenagear os mortos, saudar

aqueles que chegam à aldeia e outros motivos especiais e sagrados. (SILVA, 2018, p. 31).

Acerca do caráter caráter místico e ritualístico de nossas danças⁴, e que retratam a nossa história e a nossa origem, Lima e Leitão (2019) destacam que os Ijasò ou Aruanãs são seres dotados de características extraordinárias e, para nós, vivem nas profundezas das águas e podem também habitar as florestas e o céu. E a dança dos Ijasò é outro ritual muito importante para nosso povo Karajá. Os mesmos autores assim a descrevem:

Os hãri ou xamãs é que trazem os Ijasò ou Aruanãs para as aldeias. São os hãri que detêm o poder de comunicação com esses espíritos que vivem no rio e lagos, nas matas e no céu. Chegam aos pares e dançam emparelhados. Embora sejam seres unos, vemo-los como se fossem pares. A dança dos Ijasò marca ciclos importantes da sociabilidade Karajá, que inclui a reafirmação dos laços de parentesco entre as famílias, mas também reafirma os poderes dos xamãs – hãris – com os espíritos e seres sobrenaturais que povoam o mundo. Os Aruanãs são considerados os donos dos rios, lagos e florestas, assim como dos animais que vivem nesses ambientes. (LIMA; LEITÃO, 2019, p. 36-37).

A nossas danças exigem que estejamos pintados. Inclusive, essas pinturas se diferenciam quando pintadas no jovem, na moça ou no idoso. Sobre os cânticos que embalam os passos das danças, eles simulam os cantos dos pássaros e de outros animais, indicando essa relação em cada gingado, sendo fortalecido esses aspectos na linguagem e nas formas de expressão de nosso povo indígena. É por isso que se diz que.

A música dos povos indígenas brasileiros representa não somente a riqueza cultural dessas comunidades, mas um forte instrumento de socialização que também se estende, promovendo conexão com a ancestralidade e a natureza em suas mais variadas expressões. (SILVA, 2018, p. 37).

Assim podemos dizer que o Karajá-Xambioá forma sua identidade cultural para o meio de variadas formas de representações, destacando-se as danças, os cântico, a pintura, a alimentação com comidas típicas, e o manejo de arco e flecha. Todos esses elementos associados fortalecem a nossa cultura, pois cada um tem seu significado. A dança, nesse processo, deixa de ser interpretada apenas como uma forma de linguagem corporal, ideia diretamente ligada à Educação Física, já que para nós, indígenas, ela está para além da linguagem de nossos corpos, ela também promove a conexão com a nossa ancestralidade, possibilita a reafirmação dos laços de parentesco entre a gente,

⁴ Trata-se de um ritual muito rígido, mais concentrado nos adultos, e extremamente respeitado entre o nosso povo. Não é um ritual praticado na Aldeia investigada.

e também reafirma as conexões de nossos anciãos com os espíritos e outros seres que povoam o mundo.

4 SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS CORPORAIS NA FESTA DA TARTARUGA

Para a coleta de informações acerca dos sentidos e significados das práticas corporais do povo Karajá-Xambioá, desenvolvidas na Festa da Tartaruga, foram realizadas entrevistas individuais com algumas lideranças da aldeia, sendo o Cacique Paulo Kumare Karajá, 49 anos, servidor público; o Vice-cacique Carlos Alberto Karajá, 64 anos; e o servidor público Ancelmo Xohoxo Karajá, 90 anos. De modo que aprofundássemos a questão do estudo, e que pudéssemos determinar nossas próprias necessidades e prioridades nesta pesquisa (SMITH, 2018), as nossas entrevistas com os participantes, que mais pareceram encontros informais, comuns em nosso cotidiano na aldeia, se deram a partir de uma conversa livre, mas sem que se perdesse de vista a questão investigada.

Como forma de contextualizar o objeto de estudo, é importante situar que o Karajá-Xambioá, ou povo Iny [i'nã], que significa “nós”, “nós mesmos”, como nos autodenominamos, habita o vale do rio Araguaia, na região Central do Brasil, que compreende parte dos estados do Pará, Mato Grosso, Tocantins e Goiás. A presença de nosso povo nesta região data de pelo menos 800 anos e foi comprovada por pesquisas arqueológicas que mostram que nas cerâmicas encontradas as técnicas de confecção utilizadas são muito semelhantes as que são usadas ainda hoje (WUST, 1975).

A maior parte da população Karajá-Xambioá está concentrada na Ilha do Bananal, considerada a maior ilha fluvial do mundo. Com relação aos subgrupos, os Karajá do Norte, segundo Toral (1992), também conhecidos como Xambioá, habitam tradicionalmente o baixo curso do Araguaia, próximo à sua foz no Tocantins. Já os Javaé estão alojados atualmente ao longo do rio Javaés, um braço menor do Araguaia que contorna a margem oriental da Ilha do Bananal. Com relação à denominação, hoje nosso povo se autodenomina “Xambioá” ou Karajá-Xambioá. Os demais Iny (Karajá e Javaé), se referem a esse povo como Ixybiowa, que significa “amigo do povo” (SILVA, 2018).

A Terra Indígena (TI) Karajá-Xambioá ainda é constituída por 80% de mata virgem, e é composta por matas circundantes, em uma pequena faixa de transição do

cerrado para a floresta amazônica. Silva (2018) destaca que esta T I se apresenta cercada por terras de fazendeiros, e a outra fronteira é o rio Araguaia, delimitando essa T I com o Estado do Pará. O cultivo de roças de toco é uma prática cultural de modelo de plantio que pouco agride o local (SILVA, 2018). Tradicionalmente, fazemos coletas de frutas, a caça e pesca, produtos que também alimentam o nosso povo. Entretanto, a pesca é a nossa atividade principal, ao invés da caça e do plantio de mandioca, embora essas atividades também sejam de extrema importância no hábito alimentar de nosso povo.

E é exatamente nessa tradição da pesca e de alimentação que tem origem a nossa tradicional Festa da Tartaruga. Toral (1992, p. 161) observa que “[...] o exemplo mais recorrente para ilustrar esse tipo de alimentação é um prato preparado no próprio casco de tartaruga”. O Obororó, um dos pratos mais saborosos de nossa alimentação, é feito com as vísceras da tartaruga, com massa de mandioca e outros ingredientes. Geralmente é preparado pelas mulheres da aldeia. Desde muito pequenas as crianças já experimentam essa alimentação.

Trata-se de “[...] um pirão feito com a gordura do animal, farinha e com pedaços de sua carne misturados. Isso porque os Karajá consideram a carne de tartaruga uma das melhores das que existem no rio” (TORAL, 1992, p. 161). O nosso povo tem como elemento essencial em nossa cultura e alimentação tradicional. A importância da tartaruga entre o nosso povo está além da relação em nossa cosmologia, haja vista que o valor proteico desse quelônio garante o desenvolvimento saudável de outras gerações Karajá-Xambioá. Do ponto de vista da cosmologia Karajá-Xambioá, Toral (1992) descreveu que nosso povo vivia nas profundezas, lugar muito abaixo da região que hoje habitamos com outros povos. Lá nós éramos imortais, não tínhamos problemas com alimentação, por exemplo.

Sobre as primeiras informações à sociedade não indígena sobre nosso povo, Toral (1992) explica que

As primeiras informações sobre a localização do grupo, que datam do final do século XVI, caracteriza-os como habitantes do baixo e médio curso desse rio. Ou seja, os Karajá nunca se afastaram daquilo que consideram seu território tradicional, mesmo depois da ocupação de uma boa parte dele pelos brasileiros. Ao contrário: a fundação de núcleos pioneiros no alto Araguaia serviu como um fator a mais para o estabelecimento de aldeias nessa região. Alguns grupos locais, numericamente insignificantes, viviam no baixo curso de alguns de seus afluentes. (TORAL, 1992, p. 15).

Entretanto, a expansão das atividades econômicas e o avanço das cidades fez com também aumentasse a pressão de pescadores e ribeirinhos não indígenas sobre em nossa região, fazendo com que os peixes e os quelônios do rio Araguaia diminuíssem, afetando a nossa segurança alimentar. Tais impactos geraram certo desequilíbrio ambiental, provocando alteração⁵ nos nossos sistemas ecológicos, o que repercutiu em alterações de ordem física, química e biológica no equilíbrio ecológico.

O rio sempre foi considerado um ponto de referência mitológica e social para o povo Karajá-Xambioá, e a nossa relação com o rio Araguaia já ocorre pelo menos há quatro séculos (TORAL, 1992). Quando o rio está em perigo, nosso povo sente o impacto dessas alterações porque elas podem também trazer a escassez de nossos alimentos. A nossa relação com o rio pode ser visualizada na imagem 1:

Imagem 01: O rio que leva à Festa da Tartaruga



Fonte: Sidileia Karajá (2022).

O rio que nos dá alimentos é o mesmo que nos conduz para a celebração de nossa própria existência, e que fortalece pela nossa alimentação. É importante destacar que o calendário de alimentação de nosso povo é dividido em duas temporadas. No inverno, a base de nossa alimentação é geralmente o milho, a banana, a caça, a pesca e a coleta de frutos. No verão, período de seca, nos alimentamos são a mandioca, a macaxeira, a tartaruga, o tracajá, o peixe e as caças. No caso da tartaruga, especificamente, é interessante destacar que utilizamos o casco, do qual era extraído um óleo para a preparação dos alimentos (ALBUQUERQUE; KARAJÁ, 2016). Essa

⁵ Podemos destacar, como exemplo, nesse contexto de alterações, impactos provocados pela construção de hidrelétricas, de pavimentações de rodovias, hidrovias, a ocupação humana desordenada, a exploração desordenada dos recursos da fauna e flora, queimadas, dentre outros, que representam aos ecossistemas naturais. (LACAVA; BALESTRA, 2019).

tradição é também mantida sobretudo pelos nossos anciãos, pois o nosso povo procura preservar nossos conhecimentos ancestrais.

Nossos anciões são de extrema importância para o nosso povo, eles são as nossas bibliotecas vivas, materializadas na contação de nossas histórias. Eles também mantêm vivos nossos mitos e lendas, por meio de narrativas orais que são repassadas para os mais novos. Por meio da tradição oral, é possível o reconhecimento e o cultivo de nossas tradições, quando, por exemplo, “[...] o povo Xambioá acampa na praia, os anciãos reúnem todos em volta do fogo e contam as histórias” (ALBUQUERQUE; KARAJÁ, 2016, p. 29). Pela sabedoria e experiência dos anciãos é que se afirma e garante a admiração por todo nosso povo. A esse respeito, Albuquerque e Karajá (2016) destacam que

Os anciões do povo Xambioá são vistos dentro da aldeia como um “livro”, uma biblioteca. Esses livros estão sendo recolhidos pelo Kanaxiwe (Deus) e estão levando juntos a história do povo. Os mais novos não conhecem sua própria origem, os mitos, as lendas; e as histórias ficaram paradas no tempo, assim, os mais novos não conhecem sua história porque já não são mais contadas nos acampamentos nas praias e pouco contadas nas escolas. (ALBUQUERQUE; KARAJÁ, 2016, p. 29).

A Festa da Tartaruga, portanto, embora esteja intimamente relacionada à nossa alimentação, está profundamente ligada à preservação do meio ambiente, numa relação inseparável, pois a ausência de nosso alimento já é um sinal de que o ecossistema está em risco. Nesse sentido, como alerta Krenak (2020, p. 69), “[...] Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que compõem”. A Festa da Tartaruga, por conseguinte, nasce dessa nossa preocupação com o próprio futuro, que pode representar o fim. E, como diz Krenak (2020, p. 27), “Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim”.

Esta festa já faz parte de nossas tradições culturais, e cada alimento tradicionalmente consumido pelo nosso povo traz uma história que não pode ser dissociado da nossa existência. A esse respeito, Albuquerque e Karajá (2016) explicam que

Cada prato preparado pelo povo Xambioá traz uma história. A criação veio através da necessidade de manter os pratos sempre prontos para ser consumidos, em um passado de conflitos com outros povos, pelo direito de ficar com as margens do rio Araguaia. O povo Xambioá mudava bastante de um lugar a outro, com isso tivera que criar pratos que fossem rápidos para preparar e que demorassem para estragarem. Todos esses pratos deveriam ser preparados

com o que a natureza lhe oferecia naquele momento, surgem, então, alguns pratos típicos do povo Xambioá. (ALBUQUERQUE; KARAJÁ, 2016, p. 86).

Dessa forma, compreendemos também, a partir de nossas próprias vivências com o nosso povo, que a Festa da Tartaruga está intrinsecamente ligada ao resgate do passado Karajá-Xambioá, e à nossa luta pela sobrevivência durante séculos. Daí a importância de repassar esses conhecimentos para as nossas crianças. Assim, a Festa da Tartaruga tem se tornado o ponto máximo da manifestação e da afirmação de nossos valores culturais. Nessa direção, indagados sobre a importância dessa festa para o nosso povo, o Cacique explicitou que “A festa traz o fortalecimento da permanência da cultura Karajá- Xambioá” (ENTREVISTA COM O CACIQUE, 2022). Já o Vice-cacique destacou que

A festa é um momento que precisa ser respeitado por, tanto pelos anciãos quanto pelas nossas crianças. Esse é um apoio que traz mais fortalecimento e aprendizado para a cultura do povo Karajá-Xambioá. (ENTREVISTA COM O VICE-CACIQUE, 2022).

Em relação às danças executadas durante o momento festivo, estas também possuem o caráter de revitalização da cultura. Portanto, tudo o que ela representa em nossa cultura, seus sentidos e significados para as gerações presentes, são também fundamentais para a preservação de nossas culturas transeculares. Na imagem 2 podemos visualizar um momento de socialização e de aprendizado por meio da dança na Festa da Tartaruga.

Imagem 02: Festa da Tartaruga realizada na Aldeia Xambioá (2022)



Fonte: Sidileia Karajá (2022).

Nas comunidades indígenas da região, as danças se constituem como expressões culturais com caráter místico ou ritualístico que retratam a história, as lutas, a origem e o cotidiano dos povos indígenas. Guimarães e Impolcetto (2021) lembram que as danças indígenas são passadas de geração a geração e estão relacionadas a atos de guerra, colheitas, morte, alegria, festejos e iniciações, podendo participar destes homens ou mulheres, adultos e crianças.

Cabe lembrar que é nesse período festivo, particularmente em agosto, que acontece a Festa da Tartaruga. Na luta pela preservação da tartaruga, todos na comunidade desenvolvem ações, no sentido de mobilizar nossos parentes, desde o mais novo até o mais velho, como em uma grande confraternização, para que cada um exerça uma função importante na comunidade, a partir de ações relacionadas ao projeto de manejo e conservação de quelônios. Como bem destacou Smith (2018, p. 183), “Se os povos indígenas não tivessem uma rede de comunicação forte, provavelmente não teriam conhecimento de tais acordos e suas consequências”. A autora indígena destaca que a “A própria rede é um processo que os povos indígenas usam com eficácia para construir relações e disseminar conhecimentos e informações” (SMITH, 2018, p. 183).

Tudo iniciou no ano de 2006, quando nosso povo Karajá-Xambioá, vendo que o número de tartarugas estava diminuindo drasticamente, reuniu com a FUNAI decidiu criar um projeto chamado “Conservação e Manejo de Quelônias da Amazônia”. No entanto, no decorrer dos anos o projeto foi perdendo força. Já no ano de 2012, a Aldeia Xambioá, nosso lócus de estudo, resolveu criar um evento cultural, mais voltado para a divulgação do projeto, que se chama “Festa Cultural da Tartaruga da Aldeia Xambioá”.

A partir disso, buscamos novas parcerias, pois havia muitas dificuldades para dar andamento a esse projeto. Apesar das dificuldades, o evento foi realizado e foi muito produtivo. Com isso, ele se tornou um evento que passou a fazer parte do calendário da aldeia. Assim, cresceu e se transformou na principal festa cultural de nossa Aldeia Xambioá, pois além de ser um importante projeto, dadas as razões fundantes, é também essencial para nossa cultura, pois o evento reúne vários povos, num verdadeiro intercâmbio cultural.

Quando se perguntou qual a importância da Festa Cultural da Tartaruga da Aldeia Xambioá para a cultura do povo Karajá, as respostas sempre apontavam para o seu significado para o nosso povo, uma vez que um ponto fundamental da festa é a revitalização de nossa cultura, já que envolve muitas práticas corporais e esportivas tradicionais, como a dança, a corrida, o manejo de arco e flecha, a canoagem, e outros.

E também envolve outras expressões de nossa cultura, como a preparação de alimentos, a confecção de artesanatos, as pinturas corporais e cânticos. Na imagem 3 é possível visualizar esses elementos:

Imagem 03: Elementos corporais utilizados na Festa da Tartaruga.



Fonte: Sidileia Karajá (2022).

Uma das fortes características de nosso povo indígena, e que está muito presente na festa, é a pintura corporal. Esta traz uma representatividade significativa e apresenta sentidos diversos que vão além da vaidade. Conforme Albuquerque e Karajá (2016),

A pintura, corporal para os índios, possui sentidos diversos, não somente vaidade, ou na busca pela estética perfeita, mas pelos valores que são considerados e transmitidos através desta arte. Entre muitos povos, a pintura corporal é utilizada como uma forma de distinguir a divisão interna dentro de uma determinada sociedade indígena, como uma forma de indicar os grupos sociais nela existente, embora existam tribos que utilizam a pintura corporal, segundo suas preferências. (ALBUQUERQUE; KARAJÁ, 2016, p. 44).

No que se refere à origem histórica, ao objetivo, às características e a importância da Festa Cultural da Tartaruga para o nosso povo, o Cacique Paulo Kumare Karajá destacou:

Foi pensando em sustento, na própria comunidade, nas comidas típicas e no manejo sustentável das tartarugas na região, que a Festa da Tartaruga começou. (ENTREVISTA COM O CACIQUE, 2022).

O Vice-cacique Carlos Alberto Karajá complementa falando da representação mais ampla da festa, dizendo que:

A festa representa a nossa cultura tanto para nós anciãos como para as crianças e mulheres”. (ENTREVISTA COM O VICE-CACIQUE, 2022).

O ancião Ancelmo Xohoxo Karajá destaca os processos interativos proporcionados, que ajudam a fortalecer novas relações e a disseminar conhecimentos:

uma festa aberta a todos as idades e a todo público, e também a outros povos que sempre participam da festa. A festa tem como prato típico o Obororó⁶, que é consumido no coletivo com todos na comunidade. (ENTREVISTA COM O ANCIÃO, 2022).

Levando em consideração essa tradição cultural que envolve outros elementos na festa, como a alimentação tradicional, entendemos que é importante manter o fortalecimento cultural por meio dessas práticas adquiridas desde os tempos ancestrais. Quando se perguntou sobre os participantes da festa, que são os anciãos, homens, mulheres, jovens e crianças, e o papel de cada um, o Vice-cacique explicou o que cabe a ele:

Minha origem e o meu direito, meu viver e origem de ser índio, e também da minha cultura. É meu objetivo, como ancião, passar todos os conhecimentos para os jovens e crianças. Desde a origem dos antepassados e até hoje nós seguimos. (ENTREVISTA COM O VICE-CACIQUE, 2022).

E complementou dizendo que

Com relação ao papel na festa, tem a parte das mulheres e dos homens. Cada um tem uma responsabilidade na festa: um grupo fica responsável pelo Kalarahu, uma das principais apresentações, comida típica do nosso povo, a dança cultural. (ENTREVISTA COM O VICE-CACIQUE, 2022).

O ancião Ancelmo Karajá disse que cabe aos participantes da festa ensinar “[...] as danças culturais e todo o processo de como fazer as roupas do Kalarahu”

(ENTREVISTA COM O ANCIÃO, 2022). Acerca da questão de se manter as práticas esportivas tradicionais, o Cacique Paulo Kumare Karajá destacou que:

O jogo de arco e flecha é uma modalidade que dá suporte a cultura, gera fortalecimento. Faz com que não percamos a tradição, pois é herança dos

⁶ O Obororó é um dos pratos mais saborosos de nossa alimentação. É feito no próprio casco da tartaruga grande a partir das vísceras, da massa de mandioca e outros ingredientes. Geralmente é preparado pelas mulheres da aldeia. Desde muito pequenas as crianças já conhecem essa alimentação.

ancestrais. Estes sempre usaram flechas para se defender e para caça e pesca, incluindo a busca pela tartaruga [...]. (ENTREVISTA COM O CACIQUE, 2022).

É perceptível na fala do Cacique que, além do arco e flecha, ele também se refere a outros elementos de nossa cultura tradicional, como o artesanato, por exemplo, que é também produzido para gerar renda. Fica evidente a necessidade de ensinar as crianças desde pequenos sobre as nossas tradições, que aliás são ensinadas já no ambiente escolar, com o objetivo de que elas não esqueçam ou desviem da cultura de nosso povo. O Cacique destaca ainda que

Tem se incentivado tanto aos alunos da escola indígena quanto as outras crianças e jovens para fazerem o movimento de fazer arco e flecha, inclusive ensinando a importância da escolha de materiais, como madeira, penas, técnicas para manuseio, [...]. (ENTREVISTA COM O CACIQUE, 2022).

Sobre o envolvimento das crianças, o Cacique e o Vice-Cacique acrescentaram ainda que

Elas fazem a tinta e a pintura corporal. Sempre tem uma criança masculina que é componente no grupo do Kalarahu que é formado por 12 pessoas sendo todos homens. A participação das crianças é fundamental porque elas aprendem para dar continuidade a essa festa cultural. (ENTREVISTA COM O CACIQUE, 2022).

A participação das crianças na festa é muito importante elas fazem as pinturas e até participa das danças e uma forma de aprendizado. (ENTREVISTA COM O VICE-CACIQUE, 2022).

Em seguida, conversamos sobre quais rituais fazem parte da festa e os significados de cada ritual para a cultura de nosso povo. Para o Cacique Paulo Karajá, “Um dos rituais é a apresentação do Kalarahu e a dança cultural” (ENTREVISTA COM O CACIQUE, 2022). Segundo Schiel (2017), o Kalarahu é um ritual de oferendas de comida a uma entidade espiritual que não exige nenhum conhecimento xamanístico. É o único ritual executado exclusivamente pelos Xambioá. E “seria, entre outras coisas, uma forma de se afirmar perante os outros Karajá, mostrando algo peculiar aos Xambioá” (SCHIEL, 2017, p. 64). É um ritual restrito aos homens Karajá-Xambioá, portanto, em respeito ao nosso povo, não nos cabe aqui aprofundar.

O Ancião Ancelmo Karajá afirma que na festa “A dança é importante porque é a forma de manter a cultura. E nós, Karajá-Xambioá, temos nossas danças de alegria e tristeza, sendo que a mulher Karajá não dança”. (ENTREVISTA COM O ANCIÃO, 2022). Ao indagarmos sobre quais práticas corporais (brincadeira, dança, lutas, ou esporte) que fazem parte da festa, o Vice-cacique explica que “Primeiramente temos o Kalarahu e,

em seguida, o canto. E, por fim, as comidas tradicionais que são o peixe, a tartaruga e a carne de caça”. (ENTREVISTA COM O VICE-CACIQUE, 2022).

O Ancião destacou a importância dessas práticas corporais, pois, para ele, elas são importantes “porque é uma forma de revitalização e troca de saberes com outros povos indígenas participantes” (ENTREVISTA COM O ANCIÃO, 2022). Fica claro na fala do ancião a consciência da importância da inter-relação entre os conhecimentos dos grupos diferentes. Por meio das práticas corporais na Festa da Tartaruga, se faz reviver um vasto repertório da cultura corporal Karajá-Xambioá. Ele compreende ainda que a participação das crianças é fundamental, pois elas “aprendem mais da cultura”.

No que se refere às práticas corporais indígenas, Almeida, Almeida e Grandó (2010, p. 59) explicam que desde o nascimento, “[...] os indivíduos apreendem valores, normas e costumes sociais por meio dos seus corpos, ou seja, um conteúdo cultural é incorporado ao seu conjunto de expressões”. Desta forma, podemos dizer, conforme os mesmos autores, que a “[...] cultura ordena o meio a partir de regras; no caso do corpo, seu controle torna-se basilar para o desenvolvimento de padrões culturais específicos”. (ALMEIDA; ALMEIDA; GRANDÓ, 2010, p. 60).

Ainda na ideia de captar o sentido dessas práticas corporais, procuramos saber quais eles mais gostam e as razões para essa escolha. O Cacique respondeu que “É o arco e flecha a canoagem, cabo de guerra”. ENTREVISTA COM O CACIQUE, 2022). Já o Vice-cacique explica que “Os principais jogos são de arco e flecha, muito praticados porque nós competimos com os outros povos”. ENTREVISTA COM O VICE-CACIQUE, 2022). Na imagem 4 é possível visualizar um momento de interação em que é realizado o manejo do arco e da flecha durante a festa.

Imagem 04: Práticas corporais: o manejo do arco e da felcha na Festa da Tartaruga



Fonte: Sidileia Karajá (2022).

O sentido de interação e de fortalecimento da cultura por meio dessas práticas fica evidente e foi reafirmado em cada indagação. As práticas corporais na Festa da Tartaruga têm a importância e o valor de resguardar e proteger não somente o meio ambiente, mas também a cultura ancestral Karajá-Xambioá. E estes pontos estão interconectados com o universo de valores e significados e se reafirmam nos momentos de interação.

Em contraposição a essa lógica, ainda vivemos uma tradição nas aulas de Educação Física em que

[...] as aulas que deveriam contemplar os vários elementos da cultura corporal acabam por reforçar os valores que predominam no sistema capitalista como o individualismo, a competição e a concorrência, que se encontram de forma sintética no esporte (TENÓRIO; SILVA, p. 83).

Contudo, acreditamos que esse olhar para as práticas corporais desenvolvidas na Festa da Tartaruga entre o Karajá-Xambioá, já caminham na direção do que Cruz de Oliveira e Daolio (2010) sinalizam:

Atualmente, endossar a valorização e o respeito às diferenças na educação e na EF parecem não causar mais tanta resistência. No entanto, é preocupante imaginar que o cenário escolar ainda encontra-se permeado por concepções que tangenciam certos ranços naturalistas que, ao serem sinalizados nesta pesquisa, alcançam proporções que deflagram preconceitos, sectarismos e desigualdades de oportunidades. (CRUZ DE OLIVEIRA; DAOLIO, 2010, p. 161).

Acreditamos também que se viabilizarmos aos nossos alunos conhecimentos dos diferentes grupos sociais, por meio de práticas pedagógicas interculturais, estaremos contribuindo para a desconstrução de muitos preconceitos sociais. Nossas festas, e nossas práticas corporais tradicionais que nelas são desenvolvidas, são de grande importância porque reúnem um conjunto de hábitos e práticas que têm o seu significado simbólico no movimento de revitalização da cultura Karajá-Xambioá, visto que somos um povo que trazemos em nossa história muitas lutas travadas pelas margens do rio Araguaia, inclusive a luta pela preservação de nossa própria história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo que teve o objetivo de compreender os sentidos e significados das práticas corporais do povo Karajá-Xambioá apresentadas na Festa da Tartaruga, ficou evidente que para que entendamos os nossos corpos indígenas, é necessário que se desenvolva novos elementos conceituais nas pesquisas com os povos indígenas, e que essa corporeidade só pode ser compreendida numa dimensão sensível das experiências e do mundo vivido.

Verificamos que mesmo que haja certa desvalorização destes conteúdos específicos nas aulas de Educação Física, é possível oferecer aos estudantes diferentes formas de vivências, discursos, fontes variadas de estudos e temas, favorecendo a heterogeneidade. Isso contribuiu para romper com o histórico silenciamento destas questões, o que também contribuiu para a afirmação da invisibilização dos corpos e das práticas corporais indígenas, sendo marginalizados no currículo escolar de Educação Física.

O breve levantamento histórico e dos dados sobre a Festa da Tartaruga evidenciou a importância da tartaruga entre o nosso povo está além da relação que esse quelônio possui em nossa cosmologia, haja vista que o seu valor proteico também garante o desenvolvimento saudável de outras gerações Karajá-Xambioá. Verificamos também que a Festa da Tartaruga, embora esteja intimamente relacionada à nossa alimentação, está profundamente ligada à preservação do meio ambiente, numa relação inseparável, pois a ausência de nosso alimento já é um sinal de que o ecossistema está em risco. O rio que nos dá alimentos é o mesmo que nos conduz para a celebração de nossa própria existência, e que se fortalece pela nossa alimentação.

Sobre os sentidos e os significados das práticas corporais na Festa da Tartaruga e suas possíveis contribuições para o campo da Educação Física regional, verificamos que essa festa está intrinsecamente ligada ao resgate do passado Karajá-Xambioá, e à nossa luta pela sobrevivência durante séculos. Daí a importância de repassar esses conhecimentos para as nossas crianças. De outra forma, as práticas corporais, como a dança, se constituem como expressões culturais com caráter místico ou ritualístico que retratam a história, as lutas, a origem e o cotidiano dos povos indígenas. Um dos sentidos da festa é o fortalecimento da permanência da cultura Karajá- Xambioá.

No que se refere a possíveis contribuições para o campo da Educação Física regional, podemos dizer que se viabilizarmos aos nossos alunos conhecimentos dos diferentes grupos sociais, por meio de práticas pedagógicas interculturais, estaremos também contribuindo para a desconstrução de muitos preconceitos sociais. Por fim, as práticas corporais na Festa da Tartaruga têm a importância e o valor de resguardar e proteger não somente o meio ambiente, mas também a cultura ancestral Karajá-Xambioá. E estes pontos estão interconectados com o universo de valores e significados.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. E.; KARAJÁ, A. D. G. (orgs.) Aspectos históricos e culturais do povo Karajá – Xambioá. Campinas/SP : Pontes Editores, 2016, 103p.

ALMEIDA, Arthur José Medeiros de; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de; GRANDO, Beleni Salete. As práticas corporais e a educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas. Revista Brasileira de Ciências do Esporte [online]. 2010, v. 32, n. 2-4, pp. 59-74. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892010000200005>. Acesso em: 23 set. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais – saúde. Brasília: MEC, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Curricular Comum. Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, Yara Maria de. Promoção da saúde, práticas corporais e atenção básica. Revista Brasileira de Saúde da Família, Brasília: Ministério da Saúde, v. 8, p. 33-45, 2006. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/revistas/revista_saude_familia11.pdf Acesso em: 23 set. 2022.

CASTRO, Eduardo Viveiros de Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana* [online]. 1996, v. 2, n. 2, pp. 115-144. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93131996000200005>. Acesso em: 23 set. 2022.

CHAVES, A. L. de E. Prática exploratória: uma experiência libertadora. *Web revista Sociodialeto*. UEMS/Campo Grande. v. 1, n.4. Julho 2011.p. 1-24.

GUIMARÃES, Denise. *As Danças Indígenas na Formação inicial em Educação Física: app didático para o 2º ciclo do Ensino Fundamental*. Rio Claro, 2019. 196p.

GUIMARÃES, Denise; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. Danças indígenas na educação física escolar: elaboração de material didático em formato de aplicativo. *Corpoconsciência*, v. 25, n. 2, p. 35-52, mai./ ago., 2021.

GOMES, Paulo Cesar; BENITEZ TRINIDAD, Carlos. A questão indígena durante a ditadura militar brasileira e a opinião pública estrangeira em perspectiva transnacional. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 14, n. 35, e0106, jan./abr. 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/Nonato/Downloads/21300-Texto%20do%20artigo-85242-3-10-20220501.pdf> Acesso: 05 de nov., de 2022.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LACAVA, Roberto Victor; BALESTRA, Rafael Antônio Machado. (orgs.). *Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Quelônios Amazônicos*. Brasília: Ibama, 2019.

LIMA, Nei Clara de; LEITÃO, Rosani Moreira. (orgs.). Iny Tkylysinamy Rybèna: arte iny karaj: patrimônio cultural do Brasil. *Comunidades Iny Karajá*. Goiânia: IPHAN-GO, 2019.

MARTINS, Thiago Amaral. SILVA, Gilvan Moreira da. As LDB's no Brasil: implicações na prática de ensino da Educação Física na Educação Básica. *Revista Digital*. Buenos Aires, Año 17, N° 172, Septiembre de 2012. Disponível em: <<https://efdeportes.com/efd172/as-ldbs-no-brasil-educacao-fisica.htm>>. Acesso em Out. 2022.

MANSKE, George Saliba. Práticas corporais como conceito? *Movimento*, v. 28, p. e28001, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/118810>. Acesso em: 04 nov. 2022.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. As dimensões política, epistemológica e pedagógica do currículo cultural da educação física. In.: BOSSLE, Fabiano; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa. (orgs.) *Educação física escolar*. Natal, RN: EDUFRN, 2020.

OLIVEIRA, J. P. et al. A constituição dos saberes escolares da saúde no contexto da prática pedagógica em Educação Física escolar. In: *Ver. Motricidade*, 2017, vol. 13, SI, pp. 97-112.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. Sobre etnicidade na educação: saberes e corporeidade no ritual do Torém na Escola Indígena Diferenciada Maria Venâncio. *Interfaces da Educação*, Paranaíba, V. 12, N. 35, p.324a 346, 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/4822/4621> Acesso em: 23 set. 2022.

SCHIEL, Helena. Dançando cacofonias: de mestiços, inã (Karajá) e “cultura”. *Anuário Antropológico*, v.42 n.2, 2017, 353-381p. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/2477> Acesso em: 05 de nov. 2022.

SOUZA, Jheuren Karoline Costa de. Mulheres indígenas e ditadura militar brasileira. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 343-363, jul./dez. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Nonato/Downloads/83445-Texto%20do%20artigo-384100-1-10-20190617.pdf> Acesso: 05 de nov., de 2022.

SMITH, L. T. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Trad. Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

TORAL, A. A. *Cosmologia e sociedade Karajá*. 1992. 280f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1992.

TRIVIÑOS. A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.

WUST, I. A cerâmica Karajá de Aruanã. *Anuário de Divulgação Científica*, v. 2, n. 2, p. 96-165, jun. 1975.